

Sinestesia e metáforas

Hugo Mari*

Resumo

O objetivo do texto é discutir e avaliar, de modo específico, os processos de metáforas sinestésicas, avaliando as condições sensório-motoras que integram a sua construção. Inicialmente, relato, retomando autores da área, alguns posicionamentos sobre a questão da sinestesia como um fenômeno neurofisiológico e sua importância como uma atividade perceptiva multimodal. Na sequência, enfatizo as discussões que foram desenvolvidas por diversos autores (Ullmann; Williams; Werning, Fleischhauer e Beseoglu; Yu) sobre o alcance das metáforas sinestésicas. Além do mais, procuro contemplar o essencial de cada uma das abordagens, com ênfase especial sobre limites combinatórios sensoriais e a direcionalidade preferencial para certas combinações. Como esses estudos foram realizados a partir de *corpora* específicos ou de avaliação experimental, esses autores apontam restrições às combinações que, intuitivamente, parecem naturais numa dimensão interpretativa. Por último, aponto a necessidade de se restringirem os limites e as condições sob as quais o aparelho sensório-motor opera na integração de percepções advindas de sensores diferentes.

Palavras-chave: Metáfora. Sinestesia. Percepção sensorial. Direcionalidade. Integração sensorial.

I am a synesthete, and I study synesthesia.
Synesthesia is not a disease, nor is it a deficit in most cases
(DAY, 2005, p. 13).

Preliminares

Toda a discussão atual sobre manifestações metafóricas e seus processos de produção destaca a importância da metáfora como um fenômeno que transcende a sua dimensão discursiva restrita de se fazer dela uma estilização de sentido. A metáfora torna-se um processo cognitivo de ampla repercussão e se faz representar

* Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Pesquisa associada ao Grupo “Complex Cognition” e desenvolvida através do projeto “Uma visão integrada da cognição humana: corpo/significação, cérebro, mente, linguagem”, financiado pela FAPEMIG (SHA-APQ-00121-10).

sob as formas de conhecimento as mais variadas. Assim, ao discutir a metáfora, não estamos mais discutindo o teor idiossincrático de uma forma linguística e dos efeitos que pretendemos com ela – até podemos fazê-lo –, mas, sobretudo, a natureza do conhecimento, os aspectos mentais e neurofisiológicos de que nos valemos para sua apreensão e para sua produção.

Na presente reflexão, pretendemos desenvolver a discussão de um fenômeno específico, ainda repleto de incertezas, mas de relevância fundamental, envolvendo a construção de metáforas. Trata-se da sua dimensão sinestésica, isto é, da integração de modalidades perceptivas distintas que concorrem para a sua produção. Ao estudar a metáfora sob esse ponto de vista, somos levados a refletir sobre dois pontos específicos na análise da questão: a compreensão mínima da sinestesia enquanto uma atividade perceptiva do homem em sua interação com o ambiente e a sua extensão aos procedimentos discursivos de construção de metáforas.

Aspectos fundamentais da sinestesia

A sinestesia, como mostram pesquisadores da área – Cytowic (1989), Baron-Cohen e Harrison (1997), Ramachandran e Hubbard (2001), Robertson e Sagiv (2005), entre outros –, não constitui um corpo coeso e único de conhecimento sobre a atividade perceptiva do homem. Encontramos padrões diversos para justificar o funcionamento da sinestesia, os quais vão desde a sua caracterização neurofisiológica em certos organismos,¹ passando pela sinestesia causada por disfunções neuronais, ou manifestações sinestésicas geradas pelo uso de psicotrópicos, como também processos sinestésicos associados à construção de metáforas (até um certo momento, uma falsa sinestesia para alguns autores). Apesar de toda essa tipologia que se associa ao campo dos fenômenos sinestésicos, existem controvérsias sobre muitos dos seus aspectos, e é, talvez, por essa razão que Baron-Cohen e Harrison iniciem sua obra da seguinte forma:

Por que um livro sobre sinestesia? Começamos com esta pergunta, porque o tema da sinestesia atualmente goza de uma reputação

¹ Um percepto sinestésico que alcança cerca de 1 em cada 25.000 pessoas costuma ser apontado, com base em avaliação de sujeitos que integram pesquisas empíricas no campo.

controversa, já que alguns cientistas descartam-na como sendo uma ilusão ou um artifício, enquanto outros a percebem como um fenômeno natural e genuíno, requerendo explicações e com implicações importantes para a neurociência cognitiva (BARON-COHEN; HARRISON, 1997, p. 3 – tradução nossa).²

A resposta que os autores formulam para essa pergunta capta a ‘reputação controversa’ da sinestesia, num percurso delineado pelos colaboradores da edição, os quais confrontam fundamentos psicológicos com fundamentos neurológicos e com modulações da mente; processamento sensorio-perceptivo com emergência da consciência; problemas relativos a déficits neurológicos com sua base genética; manifestação de processo orgânico natural com valores estéticos que ela engendra. É esse leque de concepções sobre a sinestesia, um objeto de conhecimento que vem sendo perscrutado, sistematicamente, há mais de três séculos que recebe, com desenvolvimentos das ciências cognitivas, abordagens mais afinadas aos processos de conhecimento. Assim, o teor da experientiação corpórea, implementada por processos perceptivos, atencionais, socioculturais, de consciência (re)discutem a questão da sinestesia num quadro amplo que a situa como um processo importante para a cognição humana.

Essa revisitação da sinestesia, nas quatro últimas décadas do século passado, colocou em evidência amplas pesquisas desenvolvidas sob as mais diversas perspectivas, incluindo o próprio valor testemunhal e experiencial dos sujeitos, mas também de sujeitos circunstancialmente submetidos a testes gerais de neuroimagens. Em muitos casos relatados pelos pesquisadores da área, eles próprios como sinestetas confirmam sua atividade perceptiva sinestésica, conforme detectamos num artigo de Day:

Para mim, o sabor de um bife é azul escuro. O odor de amêndoas é laranja pálido. E quando toca um saxofone tenor, a música parece a espiral de uma cobra de tubos de neon roxo vívido que flutua e se alça. Eu sou um sinesteta e estudo sinestesia. Sinestesia não é uma doença, nem um déficit, na maioria dos casos (DAY, 2005, p. 11 – tradução nossa).³

2 Why a book on synaesthesia? We begin with this question because the topic of synaesthesia currently enjoys a controversial reputation, with some scientists dismissing it as an illusion or a contrivance, whilst other perceive it as a genuine natural phenomenon, in need of explanation and with important implications for cognitive neuroscience (BARON-COHEN; HARRISON, 1997, p. 3).

3 To me, the taste of beef is dark blue. The smell of almonds is pale orange. And when tenor saxophones

Muitos ensaios sobre a sinestesia guardam certo traço de intimidade experiencial de um sujeito com o fenômeno e acabam, em muitas circunstâncias, por servir de testemunhos vivenciados pela experiência sinestésica de sujeitos que têm dispositivos neurológicos aptos à percepção dessa natureza. Nessa dimensão, ela é um fenômeno essencialmente vivido, mas nem por isso deixa de ser um objeto de conhecimento desafiador para o campo das neurociências, da psicologia, da cognição e da linguística. Nessa parte do texto vamos repassar a sua conceituação como uma orientação necessária para aquilo que é o maior objetivo deste texto: a compreensão dos processos de metaforização sinestésica.

Conceito de sinestesia

O conceito de sinestesia é, ele próprio, circunscrito à especificidade dos fenômenos a que viermos atribuir essa denominação. Se o campo da sinestesia se faz representar por fenômenos de natureza distinta, como apontamos anteriormente, assim também deve ser um conceito que se proponha a abarcar tudo isso. Para os nossos propósitos na sequência deste texto, o que propõe Sagiv nos atende de modo adequado:

O termo sinestesia (do grego *syn* = junto, *estesia* = sensação) tem sido usado para descrever uma grande variedade de fenômenos. Mais comumente, é utilizado para indicar uma condição em que a estimulação de uma modalidade sensorial, também dá origem a uma experiência de uma modalidade diferente (SAGIV, 2005. p. 3 – tradução nossa).⁴

Mesmo considerando as diferentes dimensões que o estudo da sinestesia assume, sobretudo em relação aos seus fundamentos, o conceito acima, proposto por Sagiv, atende ao essencial da questão, à medida que especifica que os processos sinestésicos envolvem, em seu teor fundamental, a integração de ao menos duas

play, the music looks like a floating, suspended coiling snake-ball of lif-up purple neon tubes. I am a synesthete, and I study synesthesia. Synesthesia is not a disease, nor is it a deficit in most cases (DAY, 2005, p. 13).

4 “The term synesthesia (Greek: *syn* = together, *aesthesia* = sensation) has been used to describe a wide variety of phenomena. Most commonly, it is used to denote a condition in which stimulation in one sensory modality also gives rise to an experience in a different modality”.

modalidades sensoriais distintas. Destacando as cinco modalidades essenciais (visual, auditiva, tátil, gustativa, olfativa), numa combinatória simples de duas modalidades, seríamos levados a supor nove formas de sinestesia. Entretanto, existem restrições para essas combinações: (a) quando testemunhadas por muitas experiências de sujeitos sinestetas;⁵ (b) quando se constata a sua manifestação nas expressões de línguas e culturas diferentes, como veremos a seguir nas pesquisas de diversos autores. Esse potencial de combinações tende também a aumentar quando, virtualmente, comparamos a inversão de uma modalidade-fonte (V/G) com uma dada modalidade-alvo (G/V) que pode mostrar sinestésias diferentes: assim, V(azul) + G(azedo) é distinto de um G(azedo) + V(azul), já que o primeiro caso tipifica uma experiência visual qualificando-a pelo sabor, enquanto a segunda tipifica uma experiência gustativa, qualificando-a pela cor. Além do mais, existem modalidades mais ativas do que outras em termos combinatórios, como aponta Day (2005, p. 14-15) em levantamento feito a partir de 572 casos de sinestesia analisados. O resultado geral dessa análise (cf. Anexo I) mostra que todas as modalidades sensoriais se fazem presentes tanto do domínio-fonte como do domínio-alvo. Ressalta-se na pesquisa o grande número de casos relativos à percepção visual – conjugada com modalizações de som, de odor, de sabor, de temperatura, etc. –, incluindo, de modo específico e dominante, a presença de cores, que se funde na percepção de todas as outras modalidades.

O nosso interesse, todavia, para a presente reflexão não é um percurso geral sobre os aspectos mais importantes do estudo funcional da sinestesia como um processo perceptivo normal do organismo⁶ humano, percurso que tem permitido, muitas vezes, o reconhecimento de sujeitos que dispõem, como mostram pesquisas, de certo pendor para a experientiação sinestésica. Estamos nos orientando, de modo mais específico, para a avaliação dos processos sinestésicos de produção discursiva de metáforas, a partir dos estudos desenvolvidos sobre a metáfora

5 Numa pesquisa com 572 casos de sinestesia, Day (2005, p. 15) não detectou nenhum caso de sinestesia combinando o teor gustativo com o olfativo, nem modalidade tátil (temperatura), combinando com olfato (quente cheiroso), ou com gosto (frio doce). É claro que evidências para a exclusão ou admissão de tais combinações podem estar relacionadas a aspectos socioculturais da pesquisa, como o próprio autor reconhece.

6 Já em 1988, Maurer e Maurer (*The world of the newborn*) apud Maurer e Mondloch (2005) afirmavam que o fenômeno da sinestesia se faz presente no organismo humano desde os primeiros meses de sua existência: "... the newborn does not keep sensations separate from one another, but rather mixes sights, sounds, feeling, and smells into a sensual bouillabaisse in which sights have sounds, feelings have tastes...". Pesquisas sobre esse fato foram realizadas e confirmadas posteriormente por Maurer e Mondloch (1996, 2005), Maurer, D. (1993).

conceitual, que, mesmo não estando atrelada unicamente ao fundamento essencial da sinestesia – a experiencição –, constitui uma relação importante a ser avaliada do ponto de vista neuronal, como sugerem Ramachandran e Hubbard:

Uma vez que sabemos muito pouco sobre a base neural da metáfora, dizer que “sinestesia é exatamente metáfora” não ajuda a explicar nem sinestesia nem metáfora. De fato, neste artigo vamos transformar o problema em seu foco central e sugerir o oposto: a sinestesia é um fenômeno sensorial concreto cuja base neuronal estamos começando a entender e que pode, portanto, fornecer uma alavanca experimental para compreender fenômenos mais evasivos, como metáfora. (RAMACHANDRAN; HUBBARD, 2001a, p. 3 – tradução nossa).⁷

Essa colocação dos autores evidencia a importância da metáfora (sinestésica, acrescentamos), enquanto fenômeno neuronal complexo cujo processo de compreensão precisa ser ainda melhor avaliado. Além do mais, essa formulação contribui também para anular o teor secundário que lhe fora atribuído nos estudos da sinestesia, como também de livrá-la do caráter de excepcionalidade que configura o seu papel nos estudos linguísticos da metáfora. Metáforas sinestésicas implicam, por hipótese, os mesmos desafios de justificativas neurofisiológicas para a sua produção que outra sinestesia qualquer; igualmente em relação à metáfora conceitual, os processos sinestésicos de metaforização não podem mais ser vistos como algo de menor valor, ao contrário, constituem formas legítimas de expressão da atividade cognitiva do homem. Segundo os autores, o que integra todos esses processos, ainda que com níveis de detalhamento diferenciado, é a ligação cruzada (*cross-wiring*) que interconecta regiões do cérebro com funções diferentes de processamento. Ramachandran e Hubbard (2001a) apontam como a sinestesia mais disseminada é aquela que integra grafema e cor (letras e números), e é sobre ela que lançam uma hipótese explicativa:

⁷ “Since we know very little about the neural basis of metaphor, saying that ‘synaesthesia is just metaphor’ helps to explain neither synaesthesia nor metaphor. Indeed, in this paper we will turn the problem on its head and suggest the very opposite: Synaesthesia is a concrete sensory phenomenon whose neural basis we are beginning to understand and it can therefore provide an experimental lever for understanding more elusive phenomena such as metaphor”.

Será uma coincidência que a forma mais comum de sinestesia envolva grafemas e cores e que as áreas cerebrais correspondentes a eles sejam bem próximas umas das outras? (RAMACHANDRAN; HUBBARD, 2001a, p. 7 – tradução nossa).⁸

Para os autores, a proximidade das áreas de processamento é algo a ser destacado como uma hipótese a justificar a larga presença de sinestésias, associando grafemas a cores. De fato, conforme estudo desenvolvido por Zeki (1993),⁹ originalmente para o córtex visual do macaco, a área V3 do córtex visual, especializada no processamento espacial de linhas, traçados – grafemas: letras e números – é contígua à área V4, que processa cores. Embora a hipótese esteja formulada para justificar o processamento local de sinestésias de grafemas-cores, Ramachandran e Hubbard admitem que se trata de uma hipótese genérica, a ser avaliada para os processos gerais de sinestesia. Existem muitos detalhes e problemas envolvidos nessa questão que foram apontados também por outros autores; sua extensão, todavia, ultrapassa os objetivos deste texto.

Nas próximas seções deste texto, vamos discutir, de forma mais sistemática, os estudos da metáfora sinestésica (MS doravante), destacando suas realizações mais recorrentes e os problemas relativos à concepção de alguns limites que a ela costumam ser impostos por pesquisadores que têm avaliado a sua emergência nas línguas naturais.

Metáforas sinestésicas

Como se trata de um fenômeno de natureza psiconeurofisiológica, as MSs não são um fenômeno local exclusivo, ou seja, elas não representam um fato privilegiado para nenhuma língua natural em particular: uma língua não é mais propícia a metáforas sinestésicas do que outras. Sua emergência é partilhada, potencialmente, em todos os sistemas naturais. É possível, todavia, que também como um fato de ramificações estéticas e culturais sua recorrência possa ser mais ou menos marcada, considerando a diferença de gêneros discursivos, de sexo dos

⁸ “Can it be a coincidence that the most common form of synaesthesia involve graphemes and colours and the brain areas corresponding to these are right next to each other?”

⁹ ZEKI, Semir. The multiple visual areas of the cerebral cortex. In: ZEKI, Semir. **A vision of the brain**. Oxford: Blackwell, 1993. p. 87-93.

falantes, das diferenças idioletais, de usos específicos de língua, entre outros que serviram de orientação para muitas pesquisas. É possível, pois, que algum falante se valha mais desse tipo de metáfora do que outro; que ele seja mais recorrente num gênero do que em outro. Os estudos, realizados por muitos pesquisadores que se ocuparam da questão, mostram diferenças de detalhes, mas evidenciam uma longa extensão de semelhanças de comportamento das MSs. Antes de passarmos a uma avaliação mais detalhada do conceito desse tipo de metáfora, consideremos as preocupações apontadas por Cacciari:

Deve-se notar que as relações da metáfora linguística com propriedades sensório-perceptuais não foram ainda teoricamente explicitadas. São as metáforas perceptualmente fundamentadas, são elas alicerçadas em modelos culturais de nossas experiências diárias, ou são elas fundamentadas em representações amodais abstratas de nossa experiência perceptiva? (CACCIARI, 1998, p. 122).

Cacciari coloca duas questões iniciais extensivas à MS e que repercutem sobre o seu conceito: qual a natureza do seu fundamento – perceptivo ou cultural? Embora a sua base seja as propriedades sensório-perceptivas, a autora coloca em questão a razão que leva os usuários a construir metáforas em geral, isto é, o fato de estarem alicerçadas em modelos culturais da experiência diária ou em representações amodais abstratas. De fato, temos expressões como *sorriso amarelo* / *amizade colorida*, que são culturalmente criadas numa tradição de fatos sociais corriqueiros como decepção sobre um episódio ou como afeição homossexual. É possível que uma explicação para *sorriso amarelo* tenha um valor perceptivo mais direto: o processo físico de tensão/distensão muscular dos lábios, associado a uma cor; enquanto *amizade colorida* pudesse ter uma caracterização mais cultural, pelo valor que pode assumir o termo *amizade* nas relações interpessoais, certamente qualificadas pelas variações cromáticas do espectro solar.

Em acréscimo a essas duas dimensões apontadas pela autora, gostaria de ressaltar a importância a ser admitida para a experiencição, um termo fundamental para as MSs, ainda que, a partir de sua emergência, muitos outros comportamentos possam a ela ser associados. Certamente, para Rimbaud, as cores atribuídas às vogais em seu famoso poema *Les voyelles – A noir, E blanc, I rouge, U vert, O bleu* :

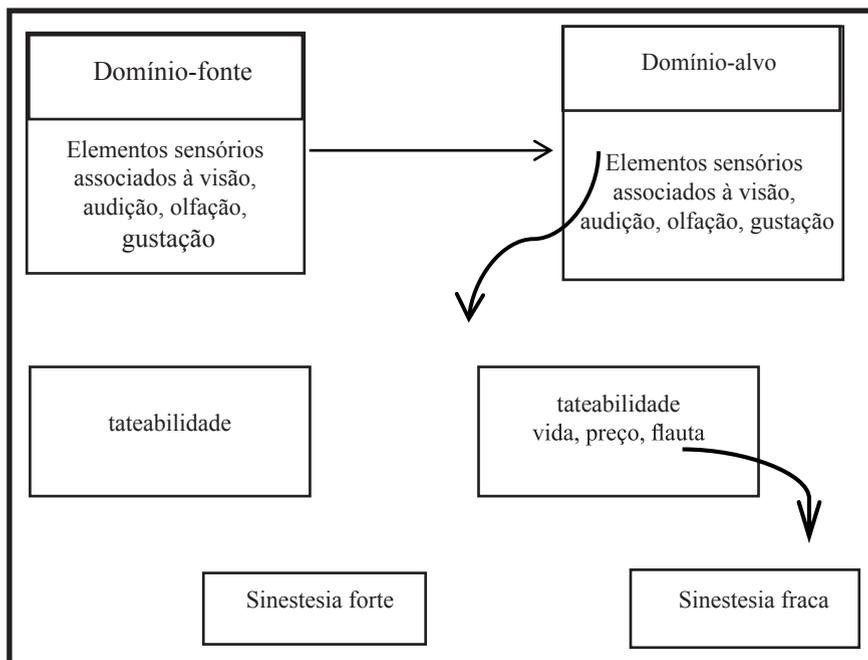
voyelles, conforme a primeira linha da estrofe inicial –¹⁰ podem surgir como algo essencialmente experiencial, mas eventualmente experiencial para seus leitores e, sobretudo, estético-perceptivo para seus estudiosos. Enfim, a caracterização entre aquilo que podemos isolar como perceptivo, cultural ou experiencial na produção/percepção de uma MS parece escapar a uma codificação precisa, já que se mostra com um teor reversível. É possível, todavia, que possamos, independentemente do reconhecimento de limites, considerar as três dimensões como centradas em processos corpóreos, como veremos, mais à frente, no esquema de análise proposto por diversos autores.

Essas dificuldades iniciais colocam em jogo a necessidade de uma conceituação mínima da MS, a partir da qual essas dificuldades poderão ser melhor visualizadas. Para os nossos objetivos nesse texto, recorreremos à formulação de Petersen *et al.* (2008, p. 2), que apresentam seu conceito com base em dois domínios de dados que se comprimem numa única unidade de sentido. Assim, para os autores:

Uma metáfora sinestésica é a projeção de um conceito a partir de um domínio fonte de percepção sobre um conceito do domínio alvo. [...] Em metáforas estritamente sinestésicas o conceito do domínio alvo é também um conceito perceptual. Por exemplo, *loud yellow* (amarelo intenso) é a projeção de um conceito auditivo sobre um conceito visual, tratando-se, pois, de uma metáfora sinestésica específica no sentido mencionado [...]. A synaesthetic metaphor is a mapping of a concept out of a perceptual source domain onto a concept of the target domain. In the studies, only strictly synaesthetic metaphors were used. In strictly synaesthetic metaphors the target domain's concept is a perceptual concept, too. For example *loud yellow* is a mapping of an auditory concept onto a visual concept and so a strictly synaesthetic metaphor in the mentioned sense (PETERSEN *et al.*, 2008, p. 2).

Podemos discutir o conceito acima a partir do seguinte esquema, virtualmente compatível para todos os sensores humanos:

10 O poema de Rimbaud “*Les voyelles*” (ou, como costuma ser denominado, “Le sonnet des voyelles”), <<http://www.mag4.net/Rimbaud/poesies/Voyelles.html>>, mantém correlação, talvez como fonte inspiradora, com o poema de Baudelaire *Correspondences*, <<http://fleursdumal.org/poem/103>>, marcadamente a partir do verso oitavo: “*Les parfums, les couleurs et les sons se répondent*”. Nesse campo de discussão cabe lembrar também o poema de Ernest Cabaner *Sonnet des sept nombres*, <<http://lequichotte.wordpress.com/2012/12/30/une-source-du-sonnet-des-couleurs-de-rimbaud-ernest-cabaner/>>, dedicado a Rimbaud, em que o músico-poeta explora a sinestesia a partir das notas musicais: “*La OU cinabre, Si EU orangé, Do O // Jaune, Ré A vert, Mi E bleu, Fa I violet, // Sol U carmin...*”. Essa sequência de produções no século XIX traduz a importância que a sinestesia assumiu para a literatura.



Esquema 1 – Domínio-fonte → domínio-alvo

Para padronizar o conceito proposto por Petersen *et al.*, optamos por listar no domínio-fonte e no domínio-alvo a função sensorial associada à dimensão corporal relativa aos sensores,¹¹ mas, evidentemente, a indicação poderia ser feita com outros termos. A exigência que se faz para o mapeamento entre os dois domínios é que a combinação seja feita a partir de elementos sensoriais de natureza diferente, logo não existe, pela definição dos autores, sinestesia em expressões como *amarelo esverdeado* ou *ruído estridente*; o que existe em exemplos dessa natureza é apenas uma qualificação do domínio-alvo por um termo do domínio-fonte, sendo ambos pertencentes à mesma modalidade sensorial. Assim, o esquema mantém um teor genérico (explicativo) do potencial de que podemos dispor nas línguas naturais

¹¹ Existem dificuldades para se fazer uma referência direta aos sensores humanos, em razão de certa diversidade de denominações que pode ser usada. Podemos usar as partes do corpo como uma referência metonímica (olho, ouvido, nariz, boca, mãos), ou a função associada essas partes (visão, audição, olfação, gustação, tateabilidade), ou ainda a classe geral das propriedades inerentes aos sensores (cor, som, odor, sabor, tato). Tais formas mostram vantagens e desvantagens: as *mãos* não representam todo o sistema háptico; *cor* não expressa toda capacidade do sistema visual; *tateabilidade* é um termo de pouco uso. Os indicadores para função parecem ser os mais adequados, mas existe, em geral, certa mistura de termos para indicar atividades sensoriais.

para construir MSs. Numa combinação livre, poderíamos realizar sinestésias diferentes, associando duas fontes sensoriais, que seriam desdobradas com base nos termos disponíveis para cada sensor, conforme discutiremos na sequência, sob a denominação de sinestesia forte e sinestesia fraca.

Em sentido restrito – sinestesia forte –, existe MS quando combinamos qualidades sensoriais do domínio-fonte com qualidades sensoriais de outro domínio-alvo, ficando as restrições a essas combinações sujeitas a condições ulteriores. Por exemplo, *vermelho amargo* pode ser uma MS, porque combina uma qualidade gustativa (amargo) com uma visual (vermelho) e pode se prestar a caracterizar um evento esportivo desastroso a partir do uso de uma camisa vermelha; mas *setembro vermelho* pode ter um valor metafórico, mas não sinestésico, ao menos em sentido restrito, já que *setembro* não representa uma qualidade sensorial. Seria possível metaforizar eventos como *doce agudo*, *macio amarelo*, *azedo tosco*, para os quais seria possível criar condições de interpretabilidade. No caso do português, o primeiro elemento da expressão funciona como o domínio-alvo, isto é, as propriedades sensoriais associadas ao olho (vermelho), à boca (azedo) e à mão (macio); o segundo elemento da expressão representa o domínio-fonte, ou seja, o ouvido (agudo), o olho (amarelo) e o tato (tosco). Como muitas formas podem ser reversíveis – *vermelho amargo*; *amargo vermelho* –, o efeito de sentido metafórico proporcionado por *vermelho*, qualificado como *amargo*, ou por *amargo*, quando qualificado por *vermelho*, pode ter condições de interpretabilidade diferentes.¹²

A definição aponta o potencial de combinações possíveis, mas pesquisas realizadas em diversas línguas mostram não apenas restrições combinatórias, como também preferências, como veremos a seguir. Entretanto, em nome de uma flexibilização do uso é sempre possível supor uma condição de interpretabilidade possível para qualquer combinação que viermos a formular, ainda que a experiência sinestésica nem sempre registre realizações de qualquer combinação. Quando confrontamos possibilidade e realização, ao mesmo tempo confrontamos interpretabilidade e experiência. Além do mais, a definição dos autores) permite gerar metáforas sinestésicas fracas, o que pode ser melhor explicitado pela definição complementar seguinte:

12 No caso da MS forte, formada por dois adjetivos de origem sensorial, a relação determinante e determinado expressa melhor o teor semântico da expressão. De toda forma, estamos considerando, determinante como fonte e determinado como alvo.

Uma metáfora é sinestésica se e somente se o seu domínio-fonte for perceptual. Ela é fracamente sinestésica se o seu alvo não for perceptual, e fortemente sinestésica se o seu domínio-alvo for também perceptual.¹³ (WERNING *et al.*, 2010, p. 2.376 – tradução nossa)

A definição proposta, no nosso atendimento, permite gerar sinestésias fracas, já que destaca o alcance a outras possibilidades de sinestésias que teriam, com certeza, um valor metafórico, como uma *noite doce*, um *dia azedo*, uma *vida áspera*, uma *voz aveludada*, um *sorriso amarelo*, entre tantos outros. Supondo que elementos sensoriais sejam apenas propriedades associadas aos sensores, e elas o são de fato, excluimos do âmbito da definição objetos, de um modo geral. Por exemplo, atribuir cores às vogais, como o fez Rimbaud, não seria, em sentido restrito, uma sinestesia (e muito menos uma metáfora). Todavia, podemos avaliar o exemplo sob dois aspectos, considerando que as vogais têm um caráter visual – a forma como são desenhadas – ou um caráter auditivo – o modo como são produzidas. Assim, ao atribuir cores às vogais, deparamos com duas situações: visão (forma) + visão (cores) ou som (produção) + visão (cores), o que justifica o teor sinestésico da metáfora.

Para além das dificuldades localizadas na própria forma de concepção das MSs, existem algumas questões básicas que estão a elas associadas e que são decisivas para a sua compreensão. As MSs são operações fundamentais para o processo linguístico, pois potencializam padrões diferentes de cognição e, conseqüentemente, de sua forma de expressão: a mesclagem de modalidades perceptuais parece assegurar uma outra forma para dizer nossas experiências, algumas absolutamente naturais, outras submetidas a processos de valoração interpretativa mais amplos. Por outro lado, existem dificuldades em operar com as MSs, pela extensão que o fenômeno assume e por uma compreensão ainda parcial de seu funcionamento, como apontou Cacciari, em texto citado anteriormente.

Podemos apontar algumas das dificuldades que se fazem presentes nas pesquisas desenvolvidas por diversos autores: (a) A partir das possibilidades combinatórias dos sensores, que mesclas intermodais são possíveis? Em outros termos, devemos apontar alguma escala de restrição combinatória ou os processos

13 “A metaphor is synaesthetic if and only if its source domain is perceptual. It is only weakly synaesthetic if its target is not also perceptual, and strongly synaesthetic if its target domain, too, is perceptual.”

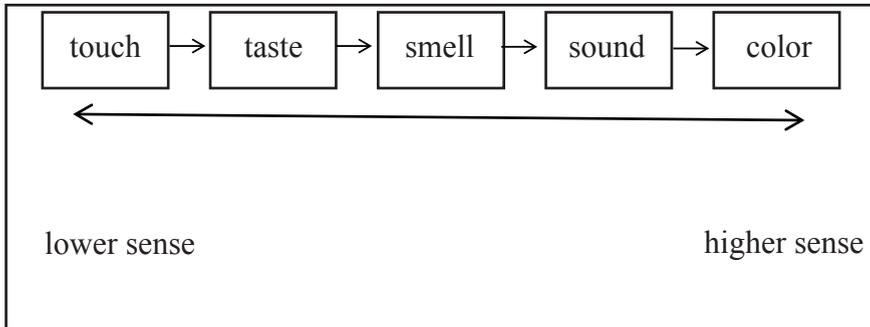
se desenvolvem livremente, deixando para o campo da interpretação justificativas ulteriores? (b) Se existe alguma restrição combinatória, devemos priorizar alguma forma de combinação? Nesse caso, alguma prioridade a ser fixada por essa ou aquela modalidade perceptiva decorre de critérios neuronais, ou de condições linguísticas de sua expressão? (c) Qual a natureza do processamento sinestésico da metáfora: conceitual ou neurofisiológico? Os padrões de processamento são os mesmos a serem considerados para a metáfora conceitual, por exemplo?

Podemos reorganizar parte dessas questões, considerando dois aspectos fundamentais no processamento das MSs que se determinam mutuamente: um relaciona-se à *direcionalidade* na modalização perceptiva, isto é, em grande parte das pesquisas até hoje desenvolvidas, os autores consideram que algumas ordenações são mais frequentes do que outras, embora não exista um consenso, sobretudo quando se confrontam exemplos de línguas distintas. O outro aspecto pode ser considerado como uma modalização do primeiro, ou seja, a direcionalidade é qualificada *hierarquicamente* em termos de um movimento de baixo para cima. Essa tese tem origem em um estudo desenvolvido por Ullmann (1959) e foi sintetizada em termos de três tendências gerais, conforme apresentado por Yu:

Especificamente, Ullmann descobriu três tendências globais (1959: 276-284). A primeira tendência, que ele denomina ‘distribuição hierárquica’, mostra que as transferências sinestésicas tendem ao percurso dos modos sensoriais *mais baixos* para os *mais altos*, a saber, tato → gosto → odor → som → visão. A segunda tendência, alinhada à primeira, mostra que o tato, o nível mais baixo de sensação, é o domínio-fonte de transferência dominante. A terceira tendência mostra que o som, mais do que a visão, é o domínio-alvo predominante para as transferências sinestésicas, o que é um tanto inesperado do ponto de vista hierárquico (YU, 2003, p. 21 – tradução nossa).¹⁴

¹⁴ “Specifically, Ullmann discovered three overall tendencies (1959: 276-284). The first tendency, which he calls “hierarchical distribution”, is that synesthetic transfers tend to go from the “lower” to the “higher” sensory modes, namely, touch → taste → smell → sound → sight. The second tendency, in keeping with the first one, is that touch, the lowest level of sensation, is the predominant source of transfers. The third tendency is that sound, rather than sight, is the predominant destination for synesthetic transfers, which is somewhat unexpected from the hierarchical point of view. According to Ullmann’s interpretation, this is because visual terminology is incomparably richer than its auditory counterpart.”

Na retomada de Ullmann feita por Yu, destacam-se aspectos importantes para a compreensão dos processos metafóricos sinestésicos, os quais serviram de referência para uma discussão mais depurada do problema. Retomando um esquema proposto pelo próprio Ullmann, podemos avaliar melhor as questões levantadas por essa definição.



Esquema 2 – Direcionalidade e hierarquia dos sentidos de acordo com Ullmann (1967)
Fonte: WERNING *et al.*, 2010.

O estudo de Ullmann destaca como tendências para a produção de MSs três fatos importantes: (a) a distribuição hierárquica dos sensores que segue uma organização com base em sua distribuição no corpo humano – do mais baixo, TATO, para o mais alto, VISÃO. Por esse fundamento, teríamos sinestésias ordenadas como *sabor áspero, verde adocicado, aroma azedo*, mais comumente e não o inverso. (b) a importância da tateabilidade como domínio-fonte mais proeminente, o que implicaria uma grande quantidade de sinestésias como *som áspero, voz fria, verde quente, azul liso*; (c) a presença da audição como domínio-alvo predominante nos processos sinestésicos de construção metafórica – *agudo liso, estridente saboroso*.

Essa última afirmação de Ullmann é motivo de controvérsias, até mesmo pela extensão dos elementos disponíveis para o campo da visão (cor e forma) nas línguas naturais e, com certeza, pela quantidade de MSs, associadas a cores. Por outro lado, assumir (c) implica supor que o repertório de termos ligados à audição tivesse também uma presença maciça nas línguas e, em consequência, na construção de sinestésias. Além de todo o teor corpóreo presente na construção da MS em razão da associação imediata dos termos com partes do corpo, é importante ainda ressaltar que pares como *frio/quente, suave/áspero* poderiam representar padrões comuns da metáfora conceitual, ou seja, *quente/liso* imprime um valor de destaque aos elementos

do domínio-alvo, enquanto *frio/áspero* caracteriza um efeito inverso. Assim, uma *eleição quente* versus uma *eleição fria*, um *jogo quente* versus um *jogo frio* contrastam entre si pela existência de episódios, fatos, eventos (não necessariamente positivos numa eleição ou num jogo), presentes no primeiro elemento do contraste e ausentes no segundo. Igualmente, pode-se dizer de um *discurso suave* versus um *discurso áspero*, um *sabor suave* versus um *sabor áspero* pela presença de traços agradáveis no primeiro elemento da oposição e sua ausência no segundo.

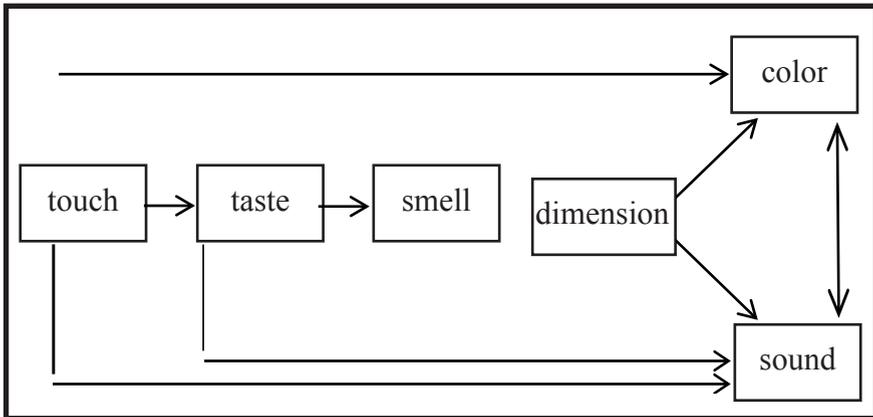
Embora reconhecendo o seu pioneirismo nas pesquisas linguísticas sobre sinestesia, existem objeções à formulação de Ullmann, mas duas se destacam de forma mais efetiva: a linearização do processo de produção das sinestésias, supondo sua ocorrência apenas dos sensores mais baixos para os mais altos, e a base de sua pesquisa que, embora em diversas línguas, privilegiou a linguagem literária. Há estudos recentes, todavia, que hoje neutralizam essa segunda objeção, por considerar que os processos gerais de obtenção de MSs são os mesmos, independentemente do padrão de linguagem. Quanto à primeira objeção, diversos pesquisadores retomaram a questão e fizeram propostas de outras formas de cruzamento das modalidades sensoriais. Na sequência, vamos avaliar as alternativas apresentadas por Williams e por Werning *et al.* a esse quadro formulado por Ullmann.

Williams desenvolve sua análise do ponto de vista diacrônico, com a preocupação de mostrar mudanças semânticas que ocorrem nas transferências sinestésicas. Segundo o próprio autor:

Um dos tipos mais comuns de transferência metafórica, em todas as línguas, é a sinestesia – a transferência de um lexema de uma área sensorial para outra: cores tediosas, sons brilhantes, gostos afiados, música azeda etc. (WILLIAMS, 1976, p. 463 – tradução nossa).¹⁵

Embora tenha esse enfoque histórico, a formulação do autor parece contemplar grande parte das discussões que, de um ponto de vista sincrônico, tem sido o foco de todas as análises da MS. Rejeitando a linearidade do esquema de Ullmann, Williams apresenta a seguinte proposta de ordenação para as modalidades sensoriais:

¹⁵ “One of the most common types of metaphoric transfer in all languages is synaesthesia—the transfer of a lexeme from one sensory area to another: dull colors, brilliant sounds, sharp tastes, sour music etc.” (WILLIAMS, 1976, p. 463).



Esquema 3 – Direcionalidades segundo Williams – Fonte: WILLIAMS, 1976, p. 463.

Na pesquisa desenvolvida pelo autor, foram detectados seis caminhos possíveis para as mudanças sinestésicas, conforme a configuração apresentada no Esquema 3, que podemos resumir nos itens seguintes: (i) partindo do TATO, temos possibilidade de sinestésias com o SABOR – *gosto cortante* –, com a COR – *verde áspero, amarelo liso* –, com o SOM – *som quente, grunhido áspero, voz macia*; (ii) partindo do SABOR, temos uma combinação com ODOR – *perfume azedo, cheiro doce*; com o SOM – *música azeda, ruído doce*; (iii) partindo do OLFATO, segundo o autor, nenhuma sinestesia foi registrada; (iv) partindo de COR e SOM, tem-se um processo reversivo de sinestésias, isto é, podemos ter: *vermelho agudo, amarelo sonoro*, como também *sons brilhantes, sons azulados*; (v) o parâmetro DIMENSÃO, embora abrigue termos não sensoriais, foi destacado pelo autor como importante para a mudança semântica e representa escalas gradientes que um conceito perceptivo pode comportar: para CORES – claro, escuro, denso, fosco –; para SOM – suave, agitado.

A pesquisa de Williams é densa porque traz detalhes sobre o processo histórico de mudança semântica sinestésica de muitos adjetivos em inglês, inclusive detalhando a hipótese sobre sucessivas mudanças que um mesmo item lexical pode comportar; é o que percebemos em seu estudo ao analisar o comportamento do adjetivo *harsh* (áspero) que se aplica a qualificações sensoriais do TATO, do SABOR, da COR e do SOM. Esse caso, dentre muitos outros,

é analisado com detalhes de registros históricos e de levantamentos estatísticos que serviram de base para uma discussão sobre as mudanças sucessivas. Sua pesquisa é também ampla, não apenas pelo número de exemplos que analisa no inglês, mas pela recorrência dos fatos analisados em outros sistemas, numa análise comparativa com dados apontados em seu estudo.

Por outro lado, embora a questão da direcionalidade tenha se mostrado de modo mais claro para os fatos linguísticos na formulação de Williams, até mesmo por ter se fundamentado no uso comum da língua, a proposta ainda apresenta dificuldades, conforme se pode verificar no comentário de Werning *et al.*

Dado que alguma versão de direcionalidade é verdadeira para certas línguas, a escolha do domínio-fonte e do domínio-alvo deve significativamente influenciar a acessibilidade a uma metáfora sinestésica. Todavia, devem também existir outros fatores: a frequência global das palavras usadas como modificadores ou núcleos, a morfologia das palavras, bem como fatores pessoais relativos ao sujeito, como idade, gênero, língua materna. Nosso experimento, realizado para a língua alemã, foi projetado para isolar os fatores que se relacionam com a acessibilidade cognitiva das metáforas sinestésicas e para explorar explicitamente o papel de direcionalidade.

O que, inicialmente, podemos extrair dessa formulação dos autores em termos de ajustes ou de objeções aos modelos propostos por Ullmann e Williams? (WERNING *et al.*, 2010, p. 2.266-2.267)¹⁶

Dois fatos merecem destaque, por serem recorrentes nas abordagens dos processos sinestésicos: a acessibilidade e a direcionalidade, numa relação complementar. A primeira, entendida como uma decisão sobre a escolha entre o domínio-fonte e o domínio-alvo consequente, coloca em questão se uma sinestesia pode se iniciar por qualquer sensor. A segunda, entendida como um

¹⁶ “Given that some version of a directionality claim is true for a certain language, the choice of source and target domain should significantly influence the accessibility of a synaesthetic metaphor. But there could also be other factors: the overall frequency of words used as modifiers or heads, the morphology of the words, as well as personal factors of the interpreter, like age, gender, and mother tongue. Our experiment performed for the German language was designed to isolate the factors that correlate with the cognitive accessibility of synaesthetic metaphors and to explicitly explore the role of directionality.”

percurso a ser realizado em relação aos sensores, coloca em questão a seguinte dúvida: que sensor a ser alcançado, a partir do passo inicial? A primeira é um processo aleatório e a segunda é uma decisão preferencial do sujeito? Enfim, o processo de produção de uma MS é contingencial a preferências do sujeito ou existe uma ordem determinante condicionada a combinações possíveis de modalidades sensoriais? Os dois fatos se mostram presentes no foco das discussões de Ullmann e de Williams, mas foram retomados, de forma mais sistemática, por Werning *et al.*

Na pesquisa que realizaram, Werning *et al.*, conforme trecho da citação anterior, colocaram como objetivo a necessidade de ‘isolar os fatores’ que pudessem prover alguma explicação tanto sobre a acessibilidade, quanto sobre a direcionalidade. Dentre os parâmetros testados, nem todos se mostraram relevantes para os propósitos da pesquisa. Fatores como idade e gênero dos falantes não foram considerados determinantes, porém certos aspectos da estrutura gramatical de um sintagma, quando formado por adjetivos na posição de determinante e determinado, mostraram-se mais naturais para umas modalidades do que para outras. Esse é um fator, todavia, que, na pesquisa desenvolvida, ficou circunscrito à estrutura de uma língua específica e não pode, sem avaliações ulteriores, ser validado como generalização necessária.

Sabemos que a forma linguística das MSs é uma questão importante e ainda merece uma discussão mais precisa, pois o reconhecimento de formas mais autênticas, constituídas a partir de qualidades associadas às modalidades sensorio-motoras, contrasta com formas híbridas e que são também importantes. Em português, há muitas alternativas para a expressão linguística das MSs, algumas com um processo de reversibilidade da relação determinante/determinado. Assim, podemos combinar padrões linguísticos diferentes com reversões possíveis:¹⁷

17 Mesmo tratando-se de exemplos hipotéticos, alguns soam, necessariamente, mais naturais do que outros.

		[nome [sensorial] + adjetivo [sensorial]]
		↓
Relação básica	<i>verde suave vermelho áspero amarelo insípido</i>	<i>verdidão suave vermelhidão áspera sabor amarelo</i>
	↑ [adjetivo [sensorial] + adjetivo [sensorial]] ↓	<i>aroma macio / aroma amaciado som azul / som azulado música saborosa</i>
Reversão	<i>suave verde áspero vermelho insípido amarelo</i>	<i>suavidade verde / suavidade esverdeada aspereza vermelha / aspereza avermelhada amarelidão saborosa</i>
		<i>maciez aromática azul sonoro sabor musical</i>

Esquema 4 – Reversibilidade

Outro problema apontado pelos autores é a fixação do D-fonte e do D-alvo: há trajetões de sinestesia que parecem mais naturais e mais processáveis do que outros, o que levaria certamente a uma flexibilização nesse processo. Em português, por exemplo, é discutível se na maioria dos casos não podemos reverter os domínios – *verde gostoso, sabor esverdeado/verde; cheiro verde, verde cheiroso* –, mas é

claro também que reversibilidade entre os domínios pode implicar perspectivas diferentes para o efeito de sentido almejado, como se pode apurar pelos exemplos do Esquema 4.

Outro fato de natureza linguística importante e que foi destacado na pesquisa dos autores é a frequência global das palavras usadas nos processos de construção de MSs. O número de itens lexicais que as línguas disponibilizam na esfera dos sensores é muito diferenciado. Existe discrepância enorme, em português, entre os termos representativos para o olfato e para a visão, basta admitir que nesse último se incluem os nomes de cores. Certamente, teremos para a visão um número muito maior de possibilidades sinestésicas do que para o olfato,¹⁸ como também para outros sensores. Por exemplo, ao longo de toda a pesquisa histórica sobre a gustação (de Aristóteles a meados do século XX), houve unanimidade no reconhecimento de quatro elementos básicos – *doce, amargo, azedo, salgado* –; outros elementos – *metálico, pungente, áspero, aromático* –, eventualmente constantes da lista de algum pesquisador, fariam parte de algo que Williams apontou como transferências de segunda, terceira ou quarta ordem.¹⁹ À quantidade de elementos disponíveis na esfera de um sensor, devemos acrescentar o fato de que muitos deles apresentam uma baixa frequência de uso, o que os torna menos afeitos à integração sinestésica. Por exemplo, o uso pouco frequente de termos como *adstringente, amaro, oblongo, ciano, magenta, absinto, olor, acre*, certamente atenuam possibilidades de transformações sinestésicas. Embora com recorrência menos frequente, nada impede, todavia, a criação de uma forma como *oblongo suave* para nomear o formato de uma folha cuja extensão vertical fosse pouco acentuada em relação à horizontal.

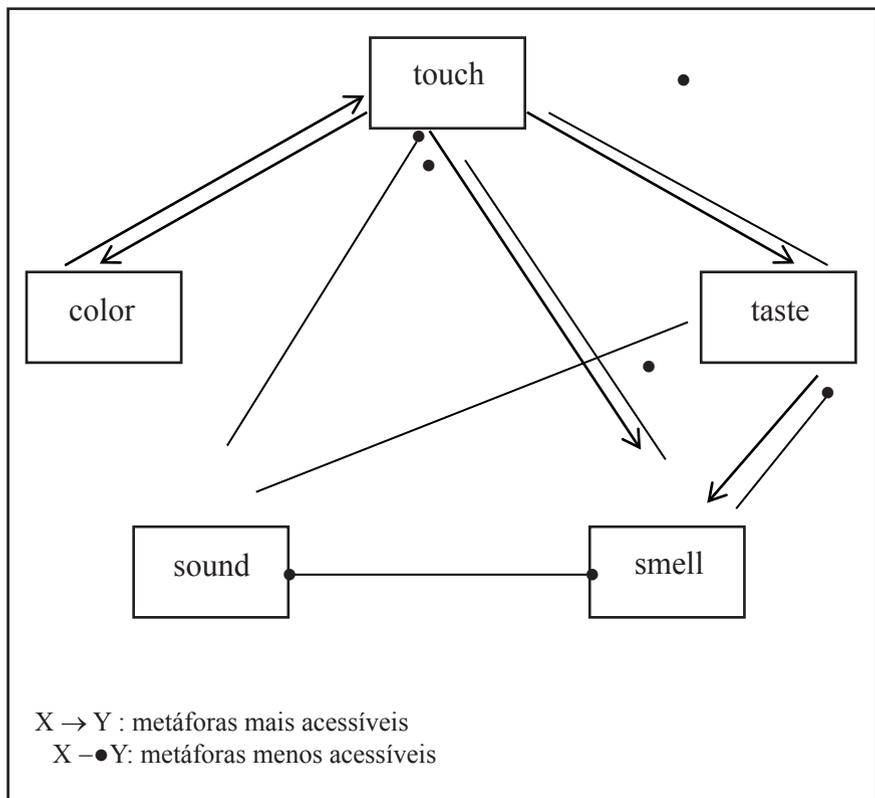
Por outro lado, como um dos destaques do seu estudo esteve centrado na direcionalidade, Werning *et al.* apontam orientações que se revelaram mais próximas às de Williams do que às de Ullmann. Entretanto, se a linearização proposta por Williams foi refutada, por parecer muito fechada nas possibilidades

18 No esquema proposto por Williams, o olfato não se constitui como um D-fonte, logo, a partir dele não existem ramificações sinestésicas; mas isso pode representar apenas uma particularidade da pesquisa diacrônica sobre adjetivos em inglês, desenvolvida pelo autor.

19 Conforme Williams, “Um grande número destes lexemas (aqueles implicados com atividades sensoriais), evidentemente, implica transferência por uma segunda, terceira e até mesmo por uma quarta vez.” (“A large number of these lexemes, of course, transfer a second, third, even fourth time (WILLIAMS, 1976, p. 465).”

de integração sensorial, certa transtividade proposta por Williams foi também criticada pelos autores. Por exemplo, Williams coloca a relação entre D-fonte e D-alvo reversível em se tratando das modalidades som e cor; essa hipótese foi refutada por Werning *et al.*, pela ausência de registro nos dados pesquisados. Além do mais, os autores propõem novas correlações, adicionadas à proposta de Williams: D-Fonte [cor] > D-Alvo [tato] (liso esverdeado) é destacado, bem como a correlações D-Fonte [cor] > D-Alvo [odor] (cheiro azul) e o inverso foram registradas.

Recolocando como hipóteses grande parte dos resultados apontados pela pesquisa, Werning *et al.* propõem o esquema seguinte,



Esquema 5 – Direcionalidade e frequência para Werning *et al.*
Fonte: WERNING *et al.*, 2010, p. 2.367.

O que os autores representam nesse esquema, em grande parte, já foi comentado anteriormente e precisa ser considerado dentro do escopo da pesquisa realizada, isto é, um trabalho envolvendo *corpora* específicos, como registram no texto. Esse fato precisa ser destacado, já que a ausência ou a presença qualificada das relações entre os sensores precisa ser relativizada em função da natureza do trabalho desenvolvido. Compensa assinalar alguns fatos que são apresentados nesse esquema, a partir da análise desenvolvida:

(a) mesmo considerando o nível de acessibilidade diferenciado, a pesquisa em pauta mostrou um número de correlações sinestésicas muito maior do que aquele apresentado por pesquisas anteriores – cinco relações mais acessíveis e seis menos acessíveis;

(b) o esquema não apresenta combinações sensoriais entre COR e TATO e entre COR e OLFATO e, estranhamente, entre COR e SOM; provavelmente isso se deve a uma limitação dos dados, pois é curioso que o léxico sensorial de maior profusão nas línguas naturais – a cor – esteja ausente em três correlações sensoriais;

(c) por outro lado, destaque especial deve ser dado a COR e TATO por duas razões distintas: (i) por se tratar de relações reversíveis na mesma intensidade de acesso e (ii) por ser o TATO, confirmando hipótese de outros autores, o sensor com maior número de correlações sinestésicas;

(d) toda relação mais acessível (TATO \rightarrow OLFATO), por exemplo, tem como compensação uma relação inversa menos acessível (TATO \leftarrow OLFATO), exceto para a relação COR e TATO, que é reversível na mesma intensidade;

(e) na análise dos autores, o estranhamento se deve à ausência de qualquer forma de correlação entre os sensores COR e SOM; certamente, tal fato deve-se a uma limitação dos dados, uma vez que tal correlação foi amplamente exemplificada por Ullmann e por Williams.

Por tudo que pôde ser observado ao longo da discussão proposta pelas pesquisas aqui comentadas, como um processo de ativação do pensamento humano, a metáfora sinestésica precisa ser pensada para além dos limites, muitas vezes assegurados pela revelação de dados empíricos. Virtualmente, devemos assumir que todas as relações entre sensores estarão sempre abertas a novas experiências; certamente, não podemos impor um limite a elas nem supor que aquelas que já foram experienciadas sejam as únicas possíveis e que as demais

devam ser ‘interditadas’. É claro também que não podemos desconhecer que algumas tenham uma saliência cultural destacada em certos momentos, já que a metáfora mantém uma estreita correlação com nossas atividades culturais.

Uma última observação a ser lembrada nessa discussão é a necessidade de rever o TATO para além da manipulação exclusiva das mãos e passar a rever essa dimensão sensorial numa perspectiva do SISTEMA HÁPTICO, que passaria a incluir articulações, tensões musculares, pressões corporais diversas. Isso implicaria ampliar as possibilidades das MSs para incluir muitos outros casos de mescla sensorial. Assim, *beijinho doce*, um *beijo saboroso*, um *passo barulhento*, um *abraço perfumado*, um *abraço gostoso*, uma *respiração pesada* envolvem, em alguma dimensão, uma atividade háptica associada a alguma outra forma sensorial. Um *beijo saboroso* implica tensão muscular dos lábios, das mandíbulas e, certamente, a presença da gustação; um *passo barulhento* envolve contato dos pés com alguma superfície e uma forma de pressão sobre ela, associada a um fator sonoro, e assim por diante poderíamos ampliar o alcance dos processos metafóricos sinestésicos. Há, entretanto, restrições que precisam ser feitas a essa extensão, uma vez que grande parte das atividades sensoriais se faz acompanhar de movimentos musculares: a atividade visual decorre de movimentos intensos das partes integrantes do globo ocular. Nessa especulação, fica então uma pergunta: afinal, que dimensão sensorial não se faz acompanhar de manifestações do sistema háptico?

Considerações finais

A metáfora tornou-se, sem dúvida, um tema importante e devastador nos estudos da linguagem; não que por isso devêssemos partilhar de um pensamento, às vezes generalizado, de que tudo é metáfora, o que, certamente, leva ao seu esvaziamento como uma categoria de análise, como um instrumento que sempre procurou associá-la a um processo de linguagem que demarcasse algum diferencial nos processos de produção de sentido. É certo também que o advento da metáfora conceitual ampliou, de modo exponencial, o seu alcance na compreensão dos fatos de linguagem e possibilitou o seu reconhecimento como algo central à cognição humana e, por extensão, aos processos de produção e de representação do conhecimento, muito além, portanto, de vê-la como um adendo estilístico.

Guttenplan, numa passagem bem-humorada, chega a qualificar o seu estatuto atual como algo *desesperador*, como expressa no seguinte trecho:

A única resposta *racional* para os estudos filosóficos [e linguísticos, acrescentamos] sobre a metáfora é algo de desesperador. Isso não se dá porque aquilo que se encontra seja ruim; longe disso. (...) Nem é o desespero fundamentado no volume farto de estudos e no seu crescimento exponencial nos anos recentes. Certamente, se você pensou que poderia obter alguma compreensão sobre o tema num final de semana, em uma semana, ou mesmo em um mês, a impossibilidade disso deverá deprimi-lo. Todavia, tal volume é também um sinal de vitalidade na área de investigação. Ele não deve servir, com certeza, como uma justificativa *racional* para o desespero. (GUTTENPLAN, 2005, p. 1 – tradução nossa)²⁰

No campo específico da linguagem, as discussões que se originaram do texto de Reddy (1979, p. 288) acentuaram o teor disseminativo da metáfora, enquanto um processo de contínuo engendramento de significados, a partir de “A lógica da estrutura que estamos considerando – uma lógica que denominaremos daqui para frente de *metáfora do canal*”.²¹ Essa lógica não vê mais a metáfora como figura de linguagem, mas como um processo que explicita a atividade dos falantes de uma língua sobre processos diversos da significação, tornando-se um sistema de pensamento que apresenta uma extensão cultural ampla e que, por sua vez, se acha estruturado no próprio sistema linguístico, como tem sido enfatizado ao longo das pesquisas recentes sobre a metáfora.

20 “The only reasonable response to the philosophical literature on metaphor is one of despair. This is not because what one finds there is bad; far from it. (...) Nor is the despair grounded on the sheer volume of the literature and its almost exponential increase in recent years. To be sure, if you thought you could get some grip on it in a weekend, a week, or even a month, the impossibility of this might well depress you. But of course such volume is also a sign of health in an area of investigation. It is certainly not a reasonable ground for desperation.”

21 “The logic of the framework we are considering – a logic which will henceforth be called conduit metaphor...”

Synesthesia and metaphors

Abstract

The objective of this paper is to discuss and evaluate, in a specific way, the process of synaesthetic metaphors, assessing sensorimotor conditions that underlie their construction. First, I will report some positions on the question of synesthesia as a neurophysiological phenomenon and its importance as a multimodal and perceptual activity. I emphasize the discussions that have been developed by several authors (Ullmann; Williams; Werning, Fleischhauer & Beseoglu; Yu) on the scope of synaesthetic metaphors. I also try to cover the main point of each approach, with special emphasis on sensory combinatorial limits and preferred directionality for certain combinations. Because these studies were performed from specific corpora or experimental evaluation, these authors point out restrictions on combinations that intuitively seem natural in an interpretative dimension. Finally, I indicate the need to restrict the limits and conditions under which the sensory motor apparatus operates on the integration of perceptions arising from different sensors.

Keywords: Metaphor. Synesthesia. Sensory perception. Directionality. Sensorial integration.

Referências

BARON-COHEN, Simon; HARRISON, John E. Synaesthesia: an introduction. In: **Synaesthesia**: classic and contemporary readings. Oxford: Blackwell Publishers, 1997. p. 3-16.

CACCIARI, Cristina. Why do we speak metaphorically? Reflections on the functions of metaphor in discourse and reasoning. In: **Figurative language and thought**. Oxford: Oxford University Press, 1998. p. 44-87.

CYTOWIC, Richard E. **Synesthesia**: A union of senses. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1989.

DAY, Sean. Some demographic and socio-cultural aspects of synesthesia. In: ROBERTSON, Lynn C.; SAGIV, Noam (Ed.). **Synesthesia**: Perspectives from cognitive neuroscience. Oxford: Oxford University Press, 2005. p. 11-33.

GUTTENPLAN, Samuel. **Objects of metaphor**. Oxford: Oxford University Press, 2005.

MAURER, Daphne. Neonatal synesthesia: implications for the processing of speech and faces. In: BOYSSONS-BARDIES, Benedicte de et al. (Ed.). **Developmental neurocognition: speech and face processing in the first year of life**. Dordrecht: Kluwer, 1993. p. 109-124.

MAURER, Daphne; MAURER, Charles. **The world of the newborn**. New York: Basic Books, 1988.

MAURER, D.; MONDLOCH, C.J. Neonatal synesthesia: a reevaluation. In: ROBERTSON, L. C., SAGIV, N. (Ed.) *Synesthesia. Perspectives from cognitive neuroscience*. Oxford: Oxford University Press, 2005, p. 193-213.

PETERSEN, W., FLEISCHHAUER, H.B., BÜCKER, P. A frame-based analysis of synaesthetic metaphors. In: **The Baltic International Yearbook of Cognition, Logic and Communication**. v. 3, A figure of speech. Kansas: Kansas State University, 2008, p. 1-22.- disponível: <http://newprairiepress.org/biyclc/vol3/iss1/>

RAMACHANDRAN, Vilayanur S.; HUBBARD, Edward M. Synaesthesia: A Window into Perception, Thought and Language. **Journal of Consciousness Studies**, v. 8, n. 12, p. 3-34, 2001.

REDDY, Michael J. The conduit metaphor. A Case of Frame Conflict in our Language about Language. In: ORTONY, Andrew. **Metaphor and Thought**. Cambridge: Cambridge University Press, 1979. p. 164-201.

SAGIV, Noam. Synesthesia in Perspective. In: ROBERTSON, Lynn C.; SAGIV, Noam (Ed.). **Synesthesia: Perspectives from cognitive neuroscience**. Oxford: Oxford University Press, 2005. p. 3-9.

ULLMANN, Stephen. **Romanticism and Synaesthesia: a comparative study of sense transfer in Keats and Byron**. In: PMLA, Princeton, 1945, p. 811-827.

WERNING, Markus; FLEISCHHAUER, Jens; BESEOGLU, Hakan. The cognitive accessibility of synaesthetic Metaphors, 2010. p. 2.365-2.370. Disponível em: <<http://www.ruhr-uni-bochum.de/mam/phil-lang/content/cogsci2006b.pdf>>.

WILLIAMS, Joseph M. Synaesthetic Adjectives: A Possible Law of Semantic Change. **Language**, v. 52, n. 2, p. 461-478, Jun. 1976.

YU, Ning. Synesthetic metaphor: A cognitive perspective. **JLS**, v. 32, p. 19-34, 2003.

ZEKI, Semir. The multiple visual areas of the cerebral cortex. In: ZEKI, Semir. **A vision of the brain**. Oxford: Blackwell, 1993. p. 87-93.